

1

Introdução

Esta pesquisa pretende analisar as criações artísticas de Augusto Pinto Boal nos anos 1970. O período demarcado refere-se a alguns dos longos anos em que o teatrólogo fazia parte do conjunto de exilados brasileiros que foram forçados a deixar o país por conta da política repressiva do governo de então. Concordando com a ideia de que a história de uma sociedade também pode ser contada pela produção artística no tocante a sua temporalidade¹, buscaremos, através das obras e atividades de Boal, compreender alguns aspectos que marcaram sua vida e também a de inúmeros brasileiros submetidos à situação de desterro durante a recente ditadura.

Entendemos a vida no exílio como a possibilidade de mudanças nos projetos políticos, culturais e/ou até mesmo individuais por conta da amarga experiência que pôde deixar mágoas e sequelas irreparáveis, mas também descobertas e vitórias em grande parte das pessoas que tiveram de se submeter ao exílio. Procuraremos demonstrar as redefinições, rupturas e continuidades das produções artístico-culturais e diretrizes políticas de Augusto Boal nesse período. O desenvolvimento do *Teatro do Oprimido* (TO)² ganha destaque nesse sentido. Uma das mais conhecidas propostas para o teatro sob autoria do dramaturgo, o TO foi aprofundado e aprimorado através de pesquisas e experimentações coletivas principalmente naquele momento. Além disso, analisaremos como a vivência, o cotidiano do exilado foi representado por Boal ao desenvolver o texto da peça

¹ RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: Artistas da revolução, o CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 16.

² Para nosso estudo, utilizaremos principalmente dois livros de Boal, que enumeram as propostas de TO: *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977 e *Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular: Uma revolução copernicana ao contrário*. São Paulo: Hucitec, 1979.

Murro em Ponta de Faca, no qual a vida do exilado é principal abordagem. Esse texto foi redigido quando vivia em Portugal.

A partir dessas obras, buscaremos definir como a condição de exilado influenciou as criações artísticas de Augusto Boal, intelectual brasileiro comprometido com o debate acerca dos rumos traçados para a arte nacional, especialmente a partir da década de 1950, mas que teve de sair do seu país em 1971, por ser uma das vozes dissonantes em tempos de ditadura.

Diante da lógica da Doutrina de Segurança Nacional, o afastamento de Boal do Brasil, assim como dos demais exilados, serviria para “diminuir a carga de *indésirables* do país”³ nos termos de Hannah Arendt. A saída dos “indesejáveis” era resultante de um longo caminho de perseguições, ameaças, interrogatórios e prisões, por vezes, seguidas de torturas, inviabilizando a permanência em solo brasileiro. Atentar para as vivências dessas pessoas após a saída do país possibilita perceber uma multiplicidade de experiências exilares, o que permite a historiadora Marina Franco afirmar que, para estudar exílio deve-se evitar categorias totalizantes como “exílio brasileiro” – no caso dos estudos da autora, “exílio argentino” – e buscar termos plurais, por exemplo, “exilados” ou “distintos setores de argentinos no exílio”, sendo esta uma opção vinculada ao caráter heterogêneo tanto no sentido sócio-cultural como no aspecto político-ideológico do “exílio”.⁴

Dessa forma, estudar exílio é, antes de tudo, estudar o exilado, como reforçou a historiadora Denise Rollemberg.⁵ Diante da referida pluralidade de situações exilares predominantes nos anos 1970, a autora enfatiza que o impacto da necessidade de afastamento do país de origem foi sentido de diferentes formas por cada um desses indivíduos, seja pela conjuntura que passou a vivenciar (adaptação ao novo idioma, às diferenças culturais ou à política vigente no país do exílio), seja pela maneira de encarar essa nova realidade (conflitos políticos e pessoais). Nesse sentido, o estudo de trajetórias muito tem a contribuir para pensar

³ ARENDT, Hannah *apud*. GRECCO, Heloísa. *Dimensões fundacionais da luta pela anistia*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p.180.

⁴ FRANCO, Marina. *El Exilio: Argentinos en Francia durante la dictadura*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2008, p.19.

⁵ ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.

a temática do exílio e, por essa razão, adotamos para a presente pesquisa uma análise sobre os apontamentos de Pierre Bourdieu com relação aos estudos biográficos.⁶

Segundo o sociólogo francês, não se deve focar as histórias de vida de acordo com um modelo racional, como um “relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção”⁷, o que recairia numa ilusão biográfica. Seria absurdo, assim, entender uma vida proveniente de uma série única baseada somente nos acontecimentos sucessivos de um determinado sujeito, descolado do seu espaço social.

No nosso trabalho, será levada em conta a construção de trajetória relacionada ao espaço social e às variáveis posições ocupadas pelo agente biografado “num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”⁸, em detrimento da vida entendida como um todo coerente, apreendida de forma lógica diante de um relato orientado.

A historiadora Lígia Leite complementa essa discussão de Bourdieu analisando pontos a serem estudados quando se trata de trajetórias de vida. A partir dos escritos de Giovani Levi, Lígia fala da relação entre trajetória individual e história social, apontando para a noção de que o indivíduo não reflete simplesmente o social, pelo contrário, ele

(...) coloca-se como polo ativo face a esse mesmo social, dele se apropriando, filtrando-o, retraduzindo-o e projetando-o em uma outra dimensão, que é a de sua própria subjetividade. Cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o circunda.⁹

⁶ Tradução para o português do artigo “L’illusion biographique” de Bourdieu publicado em 1986 na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

⁷ Idem, p. 185.

⁸ Idem, p.189.

⁹ PEREIRA, Lígia Maria Leite. “Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias”. *História Oral*, 3, 2000, p.121.

E, como a autora enfatiza, é por essa razão que se pode conhecer o social tendo como ponto de partida uma trajetória de vida, que, ao contrário de ter o social como um simples pano de fundo, intervém no mesmo.

Essa dissertação está dividida em três momentos. No primeiro capítulo, intitulado “*Que pensa você da arte de esquerda?*”: *Teatro, Política e os anos 1960 de Boal*, informações biográficas do teatrólogo serão pontuadas de forma sucinta, tendo destaque para sua formação acadêmica e o início de seus trabalhos no teatro, principalmente ao se tratar do período em que esteve no Teatro de Arena de São Paulo, onde participou e foi determinante para as atividades do grupo, possibilitando a construção da identidade daquele teatro como atuante no engajamento de esquerda¹⁰ brasileiro.

Entendemos a necessidade desse estudo de trajetória para pensar não somente a formação de Boal no teatro, mas sobretudo para que possamos compreender como suas escolhas e diretrizes no Teatro de Arena foram reconsideradas durante os anos de exílio – temática que será aprofundada nos demais capítulos da dissertação. O título do capítulo faz alusão a um artigo de Boal publicado no programa da *1ª Feira Paulista de Opinião*, de 1968, intitulado “Que pensa você da arte de esquerda?” onde discutia os rumos das esquerdas artísticas do país.

A partir do conceito de metamorfose, parte das reflexões do antropólogo Gilberto Velho, propomos no segundo capítulo, de título “*O Teatro é um ensaio da revolução*”: *Exílio e o Teatro do Oprimido*, estudar algumas criações do dramaturgo no exílio. As atividades de Boal relacionadas à formulação dos métodos de Teatro do Oprimido e sua experimentação nos países que passou a viver serão enfocadas. Junto a isso, no segundo capítulo, analisaremos alguns autores que abordam a temática do exílio. Propomos demonstrar como a vida no exílio possibilitou a Boal o aprofundamento de ideias para o teatro no que diz respeito à relação entre palco e plateia. Com o desenvolvimento do *Teatro do*

¹⁰ Concordamos com Marcelo Ridenti na sua utilização do termo *esquerda*, de maneira geral, “para designar as forças políticas críticas da ordem capitalista estabelecida, identificadas com as lutas dos trabalhadores [ou o “povo”] pela transformação social”. RIDENTI, Marcelo. *Op. Cit.*, p.17.

Oprimido, o público passa a participar e interferir na encenação da peça, ensaiando caminhos para transformações sociais.

Por fim, analisaremos na terceira parte a vivência no exílio como tema de produções de Boal. A peça *Murro em Ponta de Faca*, escrita pelo dramaturgo quando estava exilado em Portugal em 1978 e encenada no Brasil no mesmo ano, é um exemplo dessa abordagem. O terceiro capítulo será, então, uma discussão sobre representações do exílio feitas pelo exilado. Nesse sentido, buscaremos demonstrar como a condição de estar exilado é sentida, entendida e representada pelo próprio teatrólogo. Através desse estudo sobre a produção de Boal, analisaremos também alguns pontos que marcaram a conjuntura do final do século XX no tocante aos exílios.

Por considerarmos essa peça como parte da literatura do exílio produzida durante o contexto de repressão das ditaduras latino-americanas no Cone Sul, apresentaremos alguns autores que abordam esse termo em seus estudos, ao perceberem as marcas do exílio nas escritas de intelectuais e artistas. Discutiremos, ademais, a especificidade do texto teatral, que pode ser compreendido como obra literária, mas tem por objetivo, sobretudo, a encenação. Sendo um “homem do teatro”, por excelência, os estudos sobre os textos de Augusto Boal não podem deixar de contemplar essa discussão.

Murro em ponta de faca representava, ainda, para o dramaturgo a concretização de ele mesmo utilizar os métodos de Teatro do Oprimido para refletir sobre uma situação que, por muitas vezes, era encarada como uma forma de opressão: era possível ver-se em momentos de angústias e tristezas vividos durante o exílio, sendo este, fruto do sistema arbitrário e opressor do governo militar brasileiro. A imagem que ilustrava a peça, nos seus meios de divulgação, era uma ilustração, assinada pelo artista gráfico Elifas Andreato, de Boal sendo fichado na prisão, com uma impressão digital estampada em seu rosto, junto a várias imagens de carimbos de passaporte e, dentre elas, uma escrita: “exilado”.